

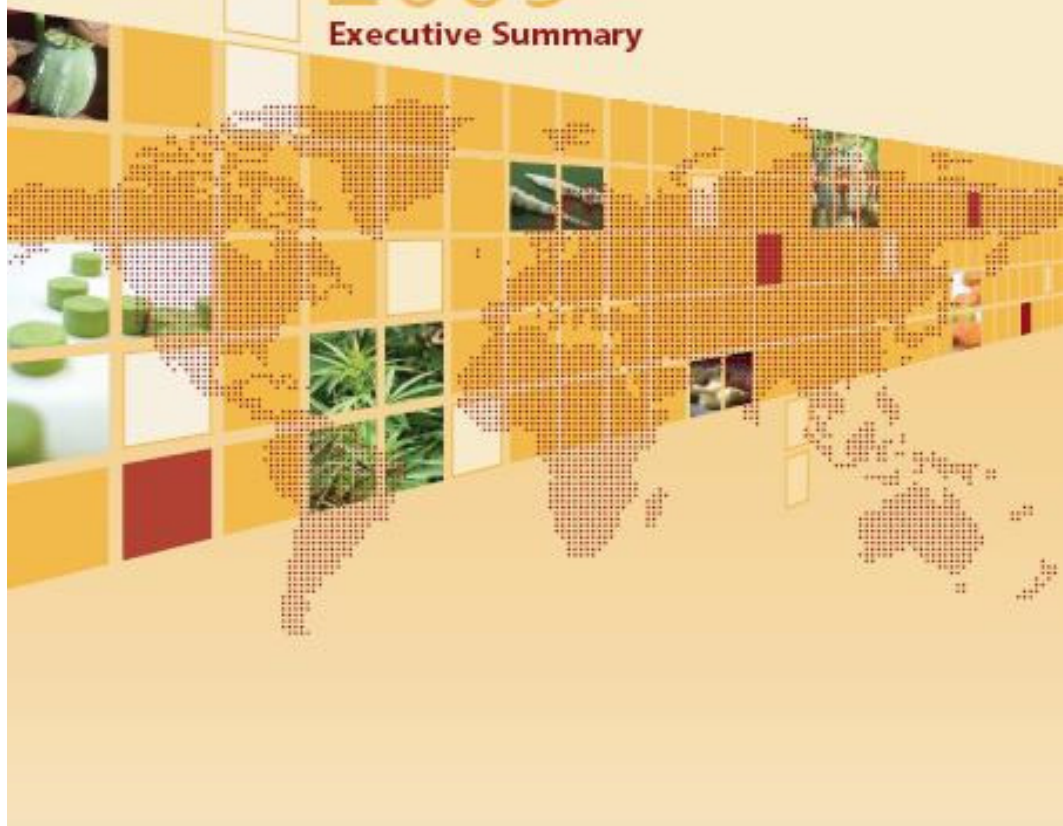


UNODC

United Nations Office on Drugs and Crime

WORLD DRUG REPORT 2009

Executive Summary



PREFÁCIO

O fim do primeiro século de enfrentamento às drogas (que teve início em Xangai, no ano de 1909) coincidiu com o término da década UNGASS (Sessão Especial da Assembleia Geral sobre Drogas, lançada em 1998). Esses marcos estimularam a reflexão acerca da efetividade, e também das limitações, da política sobre drogas. Essa reflexão resultou na reafirmação de que as drogas continuam a exercer perigo à saúde da humanidade. Por esta razão são, e devem continuar sendo, combatidas. A partir dessa premissa, os Estados-Membros reiteraram total apoio às Convenções que a ONU estabeleceu no sistema mundial de enfrentamento às drogas.

Simultaneamente, o UNODC ressaltou alguns efeitos negativos, e obviamente indesejados, do controle das drogas, realizando um necessário debate acerca dos modos e meios para lidar com esses efeitos. Recentemente, tem-se ouvido algumas poucas vozes, porém em número crescente, entre os políticos, a imprensa e até na opinião pública, dizendo: *o enfrentamento às drogas não está funcionando*. E a frequência na disseminação dessa mensagem está em ascensão.

Grande parte desse debate público é caracterizada por amplas generalizações e soluções simplistas. Porém, a essência da discussão sublinha a necessidade de se avaliar a eficácia da atual abordagem. Após um estudo do problema, com base em nossos dados, o UNODC concluiu que, considerando que mudanças são necessárias, elas deveriam focar em diferentes meios para proteger a sociedade das drogas, ao invés de perseguir uma meta diferente de abandonar essa proteção.

A. O que é o debate sobre a fim do controle às drogas?

Diversos argumentos têm surgido em favor do fim do controle às drogas, baseados nas áreas (I) econômica, de (II) saúde, e de (III) segurança, além de combinações entre as três áreas.

I. O argumento econômico para a legalização diz: *legalize as drogas e gere mais impostos*. Esse argumento está ganhando espaço, à medida que as administrações nacionais buscam novas fontes de receita durante a crise econômica atual. Esse argumento “legalize e taxe” é antiético e antieconômico. Ele propõe uma taxa perversa, de geração sobre geração, em cima de grupos marginalizados (entregues ao vício), a fim de estimular a recuperação econômica. Serão os partidários dessa causa também favoráveis à legalização e à taxação sobre outros crimes abomináveis, como o tráfico de pessoas? Os escravos modernos (que são milhares) certamente gerariam boas receitas em impostos para recuperar bancos falidos. O argumento econômico também está baseado em uma lógica fiscal frágil: qualquer redução no custo do controle das drogas (devido a gastos mais baixos com a fiscalização) será compensada por um gasto com a saúde pública muito maior (devido ao aumento no consumo de drogas). Moral da história: não transforme transações perversas em legais só porque elas são difíceis de fiscalizar.

II. Outros defendem que, com a legalização, uma ameaça à saúde (na forma de uma epidemia de drogas) poderia ser evitada a partir de regulação por parte do Estado ao mercado de drogas. Novamente isso é ingênuo e míope. Primeiramente, quanto mais leve é a fiscalização (em tudo), maior será e mais rapidamente emergirá um mercado paralelo (do crime) – invalidando, desta forma, o conceito. Em segundo lugar, apenas poucos países (os ricos) poderiam financiar meios de controle tão elaborados. E o resto da humanidade (que é a maioria)? Por que deflagrar uma epidemia de drogas nos países em desenvolvimento em nome de um discurso de liberalização das drogas, ostentado por um lobby pró-drogas de quem se dá ao luxo de ter acesso a tratamento contra as drogas? As drogas não são prejudiciais porque são ilegais – elas são ilegais porque são prejudiciais. E causam prejuízos tanto aos viciados ricos e bonitos, quanto aos pobres e marginalizados.

As estatísticas sobre drogas continuam falando em alto e bom som. O crescimento desenfreado observado no passado perdeu força e a crise dos anos 90 parece estar sob controle. O Relatório 2009 traz evidências de que o cultivo de drogas (ópio e coca) está estável ou em declínio. E mais importante: os maiores mercados de ópio (Europa e o Sudeste

Asiático), de cocaína (América do Norte), e de maconha (América do Norte, Oceania e Europa) estão diminuindo. O aumento no consumo de estimulantes sintéticos, principalmente no Leste Asiático e no Oriente Médio, é motivo de preocupação, ainda que o uso dessas substâncias esteja diminuindo nos países desenvolvidos.

III. As preocupações mais sérias estão relacionadas ao crime organizado. Mas todas as atividades de mercado fiscalizadas pelas autoridades geram transações paralelas e ilegais, como dito anteriormente. O controle das drogas inevitavelmente gerou um mercado criminoso de dimensões macroeconômicas, que se utiliza da violência e da corrupção para intermediar a demanda e o fornecimento. *Com a legalização das drogas, o crime organizado perderia sua linha de atividade mais lucrativa*, afirmam os críticos.

Pois não é bem assim. O UNODC está ciente da ameaça que representam as máfias internacionais de drogas. Nossas estimativas sobre o valor do mercado de narcóticos (em 2005) foram inovadoras. O Escritório também foi responsável pelo primeiro alerta sobre a ameaça do tráfico de drogas em países do Leste e do Oeste da África, do Caribe, da América Central e dos Balcãs. Com isso, ressaltamos a ameaça que o crime organizado representa à segurança, um problema que hoje é periodicamente abordado pelo Conselho de Segurança da ONU.

Tendo iniciado esse debate sobre drogas/crime, e após longa ponderação, concluímos que esses argumentos sobre o crime organizado relacionado às drogas são válidos. Eles devem ser considerados. Peço urgência aos governos que reorganizem a combinação de suas políticas, sem perdermos mais tempo, aumentando o enfrentamento ao crime, sem diminuir o enfrentamento às drogas. Em outras palavras, enquanto o discurso sobre a criminalidade das drogas está certo, as conclusões alcançadas por seus propositores são imperfeitas.

Por quê? Pois nós não estamos aqui contando feijão, estamos contando vidas. A política econômica é a arte de se contar feijão (dinheiro) e de se administrar os dilemas: inflação versus emprego, consumo versus poupança, balança comercial interna versus externa. Com vidas, é diferente. Se começarmos a comercializá-las, terminaremos violando os direitos humanos de alguém. Não pode haver trocas, nem compensações, quando a saúde e a segurança estão em risco: a sociedade moderna deve, e pode, proteger ambos os problemas com absoluta determinação.

Faço um apelo aos heróicos partidários da causa dos direitos humanos em todo o mundo que auxiliem o UNODC a promover o direito à saúde dos viciados em drogas: eles precisam ser assistidos e reintegrados à sociedade. O vício é uma questão de saúde e aqueles que estão afetados por ele não devem ser presos, feridos ou, como sugerido pelos proponentes desse argumento, comercializados, a fim de reduzir a ameaça à segurança por parte das máfias internacionais. De fato, esse último argumento deve ser abordado, e abaixo seguem nossas sugestões para isso.

B. Um conjunto de medidas mais bem equilibrado

A relação entre drogas e crime foi o assunto de um relatório intitulado *O Crime Organizado e sua Ameaça à Segurança: atacando uma consequência perturbadora do controle das drogas*¹ que apresentei à Comissão sobre Narcóticos e à Comissão sobre o Crime em 2009. Devido à importância desse tema, direcionamos o capítulo temático do Relatório deste ano para a uma análise mais aprofundada do problema e de suas implicações políticas. E aqui estão alguns dos pontos principais.

Primeiramente, o foco de penalização deve mudar do usuário de drogas para o traficante. O vício das drogas é uma questão de saúde: as pessoas que usam drogas precisam de ajuda médica, e não de sanção criminal. A atenção deve ser dada aos usuários que fazem uso intenso de drogas. São eles que consomem a maior parte das drogas, causam um enorme dano a si mesmos e à sociedade – e geram a maior renda para as máfias de drogas. O acompanhamento e a assistência médica tendem a construir sociedades mais saudáveis e

¹ E/CN.15/2009/CRP.4 - E/CN.7/2009/CRP.4; <http://www.unodc.org/unodc/en/commissions/CCPCJ/session/18.html>

seguras do que o encarceramento. Peço aos Países-Membros que busquem a meta de acesso universal ao tratamento de usuários de drogas como compromisso de salvar vidas e de reduzir a demanda de drogas: a queda no fornecimento, e das receitas relacionadas às drogas, serão consequência disso. Vamos avançar em direção a essa meta nos próximos anos e então avaliar seu impacto benéfico na próxima reunião dos Estados-Membros, a fim de revisar a eficácia da política de enfrentamento às drogas (2015).

Em segundo lugar, devemos pôr fim à tragédia que são as idades sem o controle das autoridades. As vendas de drogas, assim como outros crimes, ocorrem mais frequentemente em áreas urbanas controladas por grupos criminosos. E esse problema será ainda mais grave nas megalópoles do futuro, caso as autoridades não acompanhem a urbanização. Até porque prender indivíduos e apreender drogas para uso pessoal é como limpar ervas daninhas – deve ser feito novamente no dia seguinte. O problema somente pode ser solucionado com o enfrentamento ao problema das favelas e do abandono das nossas cidades, por meio de recuperação da infraestrutura e de investimento nas pessoas – especialmente na assistência aos jovens, que são vulneráveis às drogas e ao crime, com educação, trabalhos e esporte. Os guetos não criam viciados e desempregados: frequentemente ocorre o inverso. E é nesse processo que os criminosos prosperam.

Em terceiro lugar, e este é o ponto mais importante, os governos devem se utilizar, individual e coletivamente, dos acordos internacionais contra os transgressores. Isto significa ratificar e aplicar a Convenção da ONU contra o Crime Organizado (TOC) e contra a Corrupção (CAC), e os protocolos relacionados ao tráfico de pessoas, armas e migrantes. Até agora, a comunidade internacional não tem levado a sério esses comprometeros internacionais. Enquanto os moradores das favelas sofrem, a África vive sob ataque, os carteis do narcotráfico ameaçam a América Latina e criminosos se apropriam de instituições financeiras falidas, negociadores inexperientes discutem nas Conferências das Convenções ente Partes sobre questões burocráticas e noções obscuras de inclusão, propriedade, alcance e não-ranqueamento. Há inúmeras lacunas na implementação das Convenções de Palermo e de Mérida, anos após a entrada delas em vigor, a ponto que vários países enfrentam problemas com o crime, amplamente causados por suas próprias escolhas. E isso já é ruim o bastante. Pior ainda é o fato de que, com frequência, vizinhos vulneráveis pagam um preço ainda mais alto por isso.

Há muito ainda a ser feito por nossos países, a fim de enfrentar a força brutal do crime organizado: o contexto interno no qual os criminosos operam também deve ser abordado.

- A Lavagem de dinheiro ocorre em grande escala e praticamente sem oposição, em um período em que os empréstimos interbancários secaram. As recomendações concebidas para prevenir o uso de instituições financeiras para a lavagem de dinheiro de origem ilícita hoje estão sendo violadas. Em tempos de grandes falências dos bancos, os banqueiros parecem acreditar que *o dinheiro não tem cheiro*. Cidadãos honestos, que estão lutando em tempos de dificuldades econômicas, querem saber o porquê os crimes – transformados em imóveis, carros, barcos e aviões ostentosos – continuam não sendo apreendidos.
- Outro contexto que merece atenção é relacionado a um dos maiores bens da humanidade, a internet. Ela mudou nossas vidas, especialmente a forma com que conduzimos os negócios, a comunicação, a pesquisa e o entretenimento. Porém a internet também se transformou em uma arma de destruição em massa pelos criminosos (e terroristas).

De forma surpreendente, e apesar da atual onda de crimes, chamados por novas formas de ação contra a lavagem de dinheiro e os crimes cibernéticos continuam sem resposta. Nesse processo, a política sobre drogas leva a culpa e é subvertida.

C. Um duplo “NÃO”

Para concluir, o crime organizado transnacional jamais será eliminado pela legalização das drogas. Os cofres das máfias são igualmente nutridos pelo tráfico de armas, de pessoas e seus órgãos, pela falsificação, pelo contrabando, pela extorsão e pela agiotagem, além de sequestro, pirataria e agressões ao meio ambiente (desmatamento ilegal, despejo de lixo tóxico

etc.). O argumento sobre a relação drogas/crime, como discutido acima, não passa de uma antiga campanha de legalização das drogas, defendida insistentemente pelo lobby pró-drogas (note-se que os partidários dessa ideia não ampliariam o conceito para as armas, cujo controle – segundo eles – deveria ser realizado amplamente: literalmente, *não às armas, sim às drogas*).

Até agora a campanha pela legalização das drogas vem, felizmente, sofrendo oposição por parte da maior parte da sociedade. As políticas de enfrentamento ao crime devem, sim, mudar. Não basta mais dizer: *não às drogas*. Temos que afirmar com a mesma veemência: *não ao crime*.

Não há alternativa senão a melhoria tanto da segurança, quanto da saúde. O fim da restrição às drogas um erro épico. E igualmente catastrófica é a atual negligência diante da ameaça à segurança representada pelo crime organizado.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Antonio Maria Costa', with a horizontal line underneath.

Antonio Maria Costa
Diretor Executivo
Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime

SUMÁRIO EXECUTIVO

Visão Geral

Durante o ano de 2008, foram observadas reduções animadoras na produção de cocaína e heroína. Em cooperação com os Estados afetados, o UNODC conduz pesquisas anuais sobre plantações nos países que produzem essas drogas em grande quantidade. Essas pesquisas demonstraram uma redução de 19% no cultivo de papoula no Afeganistão e uma redução de 18% no cultivo de coca na Colômbia. As tendências observadas nos demais países produtores são variadas, mas não são suficientemente significativas para contrabalançar as quedas nos dois maiores produtores. Ainda que os dados não estejam completos o bastante para que haja uma estimativa precisa da redução global na produção de ópio e coca, quase não há dúvidas de que ela, de fato, foi reduzida.

Os índices de produção de outros tipos de droga são mais difíceis de serem rastreados, assim como os dados acerca do uso das drogas são limitados. Contudo, pesquisas com usuários nos maiores mercados de maconha, cocaína e ópio do mundo indicam que esses mercados estão encolhendo. De acordo com pesquisas recentes com jovens da Europa Ocidental, da América do Norte e da Oceania, o uso de maconha parece estar diminuindo nessas regiões. Dados América do Norte, região onde se registra o maior índice de consumo de cocaína, mostram uma queda, enquanto o mercado europeu parece estar se estabilizando. Os dados de países do sudeste asiático, tradicionais no uso de ópio, também apontam uma redução no uso dessa droga. O uso de heroína na Europa Ocidental parece estar estável.

Contrastando com esses números, há várias indicações de que o problema global com estimulantes do tipo anfetamina (ATS, na sigla em inglês) está piorando. As apreensões estão aumentando globalmente, e as ATS estão sendo produzidas em um número crescente de países, observando-se uma diversificação de locais e de técnicas de processamento. Cerca de 30% das apreensões globais em 2007 foram realizadas no Oriente Próximo e no Oriente Médio, onde o uso de anfetaminas pode ser também significativo. Precursores de anfetaminas estão sendo cada vez mais traficados das Américas Central e do Sul para a produção de ATS para o mercado da América do Norte, e o uso local também parece estar em crescimento. Na Ásia do Leste, o tamanho do mercado das ATS é grande e ainda está em crescimento. Dados sobre ATS são particularmente problemáticos. Entretanto, o UNODC está realizando um esforço concertado para melhorar o monitoramento de tendências nessa área.

De fato, todos esses mercados são clandestinos e mudanças no monitoramento requerem o uso de uma variedade de técnicas de estimativa. Os dados são esparsos, principalmente nos países em desenvolvimento e o nível de incerteza em vários assuntos é alto. Pela primeira vez o *Relatório Mundial sobre Drogas* deste ano é explícito sobre o nível de incerteza, apresentando variações estimadas ao invés de estimativas pontuais. Tal mudança dificulta comparações das estimativas deste ano com as de edições anteriores do *Relatório Mundial sobre Drogas*, mas representa um passo essencial rumo à apresentação de estimativas mais precisas.²

Há um nível de incerteza mais baixo em termos de cultivo de coca e de papoula, já que pesquisas científicas nas plantações vêm sendo realizadas no conjunto de países que concentram a maior parte da produção. Estudos de rendimento das plantações também vêm sendo realizados, mas há uma garantia menor referente à produção dessas drogas do que ao cultivo de plantações de droga. Considerando que a maconha e as drogas sintéticas podem ser produzidas praticamente em qualquer lugar do mundo, pouco se sabe a respeito de sua

² Na 52ª sessão da Comissão sobre Narcóticos, um Segmento de Alto Nível emitiu uma *Declaração Política e Plano de Ação sobre Cooperação Internacional por uma Estratégia Equilibrada e Integrada de Enfretamento ao Problema de Drogas no Mundo*, afirmando que as políticas devem ser baseadas em evidências, e que dados fiéis são cruciais. Ainda que a qualidade dos dados sobre drogas tenha melhorado na última década, ainda há grandes lacunas nesses dados. Os Estados-Membros adotaram uma resolução sobre a melhoria na captação, no envio e na análise dos dados e pediram ao UNODC que revisasse as ferramentas de captação e de envio de dados. Isso incluirá a realização de consultorias intergovernamentais com especialistas e a proposição de um conjunto revisado de instrumentos de pesquisa para apreciação da Comissão em Março de 2010. Para maiores detalhes sobre essa resolução, e sobre a importância de dados de alta qualidade, favor verificar a seção “Special Features”.

produção. Padrões de tráfico são observados a partir dos dados de apreensões, um indicador misto que reflete tanto o fluxo subjacente quanto a as ações de enfrentamento ao tráfico. Os dados sobre o uso de drogas provêm de pesquisas ou de informações sobre os tratamentos, mas um número limitado de países coleta essa informação. O nível de incerteza sobre o uso de drogas não é uniforme, seja quanto ao tipo de droga ou quanto às regiões. Por exemplo, o nível de certeza a respeito dos usuários de ATS e de maconha nos últimos anos é menor do que a referente a usuários de ópio e de cocaína; sabe-se mais sobre o uso de drogas na Europa e nas Américas do que na África e em partes da Ásia.

Tendências globais na produção de drogas

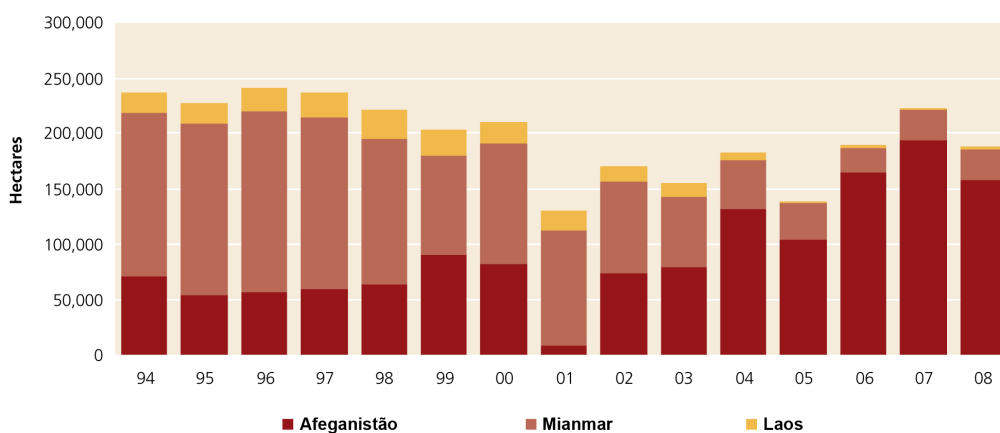
Ópiáceos

Em 2008, a área total de cultivo de papoula nos principais países produtores diminuiu para 189.000 hectares (ha). Essa queda de 16% em relação ao ano anterior deve-se principalmente a uma grande queda observada no Afeganistão. O nível de cultivo em Mianmar e no Laos foi aproximadamente o mesmo do que em 2007. Nos últimos anos, a produção potencial total de ópio nos principais países produtores de papoula tem diminuído.

No Afeganistão, o cultivo de papoula continua concentrado principalmente nas províncias do sul, enquanto outras províncias do centro e do norte do país se tornaram livres da papoula. Dois terços da área de cultivo da papoula em 2008 – mais de 100.000 ha – estava localizado apenas na província de Hilmand, no sul do país. A queda no cultivo foi observada apesar da acentuada diminuição na erradicação da papoula, que passou de 19.047 ha em 2007 para 5.480 ha em 2008.

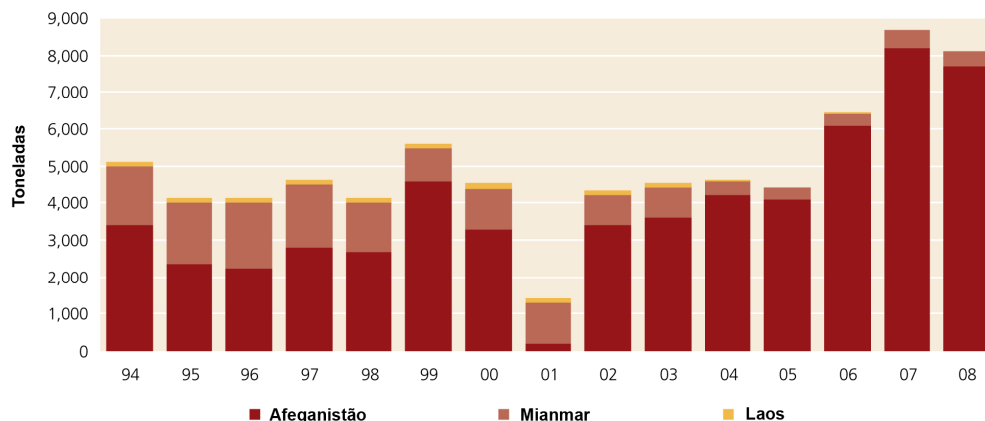
Mianmar reportou 28.500 ha de cultivo de papoula. Como no passado, o cultivo de ópio estava extremamente concentrado no Estado de Shan, leste do país. No Laos, um pequeno número de plantações de papoula foi encontrado nas províncias do norte. No Paquistão, cerca de 2.000 ha de papoula foram cultivados na região de fronteira com o Afeganistão, mantendo os mesmos índices dos últimos cinco anos.

Cultivo de papoula nos principais países produtores (ha), 1994-2008



Os campos de ópio no Afeganistão se mantiveram em grande número em 2008. A produção potencial de ópio foi estimada em 7.700 toneladas (variação das estimativas: 6.330 a 9.308 toneladas). Acredita-se que aproximadamente 60% dessa produção tenha sido transformada em morfina e em heroína no país. A quantidade de morfina e de heroína produzida no Afeganistão disponível para exportação foi estimada em 630 toneladas (variação das estimativas: 519 a 774 toneladas). Quase 40% do total da produção foi exportada como ópio.

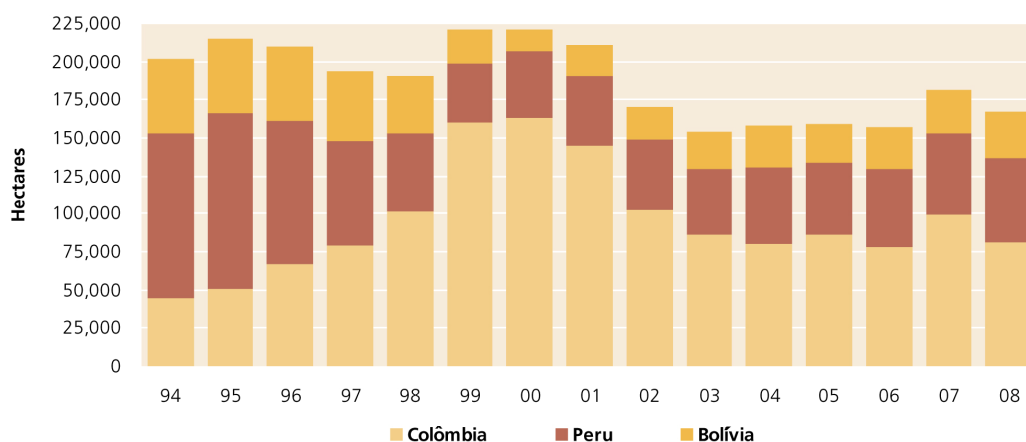
Produção de ópio nos principais países plantadores de papoula (t), 1994-2008



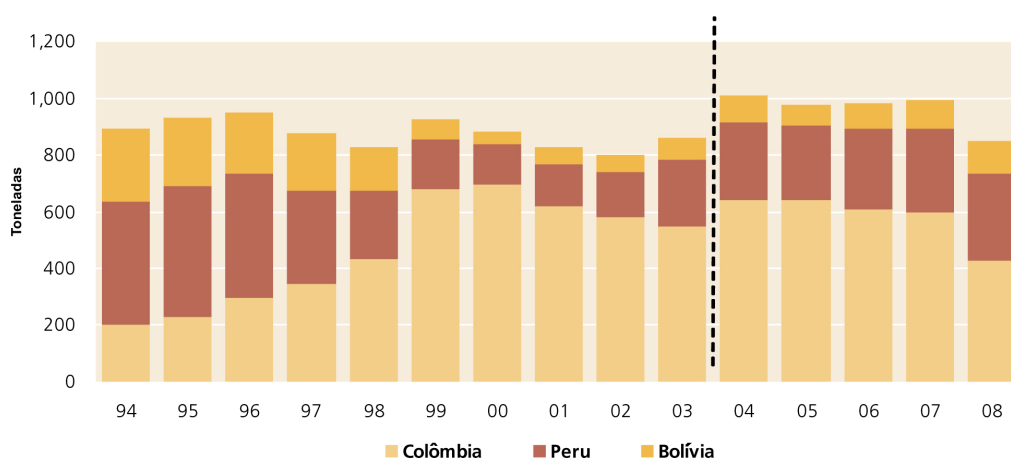
Cocaína

Apesar de pequenos aumentos observados na Bolívia (6%) e no Peru (4%), a área total de cultivo de coca diminuiu 8% em 2008, graças a uma diminuição considerável na Colômbia (18%). A área total de cultivo de coca caiu para 167.600 ha, índice próximo ao nível médio de cultivo de coca entre 2002 e 2008, e muito inferior aos níveis atingidos na década de 90. Mesmo com a diminuição deste ano, a Colômbia continua a ser o principal produtor de planta de coca do mundo, com 81.000 ha, seguida por Peru (56.100 ha) e Bolívia (30.500 ha). A produção global estimada de cocaína caiu 15%, de 994 toneladas em 2007 para 845 toneladas em 2008. Tal diminuição deve-se a uma forte redução na produção de cocaína na Colômbia (28%), que não foi compensada pelos aumentos na Bolívia e no Peru.

Plantação de coca global (ha), 1994-2008



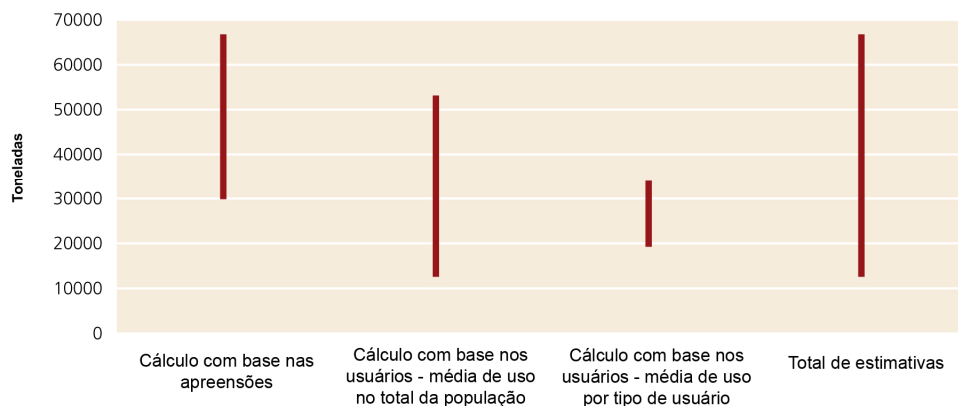
Produção global de cocaína (t), 1994-2008



Maconha

Estimar a área global de cultivo de maconha é consideravelmente mais complicado, já que é produzida em quase todos os países do mundo e pode ser produzida tanto em locais fechados quanto abertos. A área estimada para a produção ao ar livre de maconha em 2008 varia de 200.000 ha a 642.000 ha. Estima-se que a produção total de maconha varie entre 13.300 toneladas e 66.100 toneladas, e a de haxixe varie entre 2.200 toneladas e 9.900 toneladas. Devido aos altos níveis de incerteza em se estimar o cultivo, não é possível produzir dados mais precisos, como no caso dos ópiáceos e da cocaína.

Variação das estimativas globais de produção de maconha por metodologia



ATS

Assim como a maconha, estimulantes de tipo anfetamina (ATS) podem ser produzidos virtualmente em qualquer lugar e por um preço relativamente baixo. Fábricas de ATS já foram reportadas em mais de 60 países ao redor do mundo desde 1990, com a inclusão de novos países nessa lista a cada ano. Em 2007, o UNODC estima que entre 231 e 667 toneladas de substâncias do grupo *anfetaminas*³ foram fabricadas; e estima que foram fabricados entre 72 e 136 toneladas de substâncias do grupo *ecstasy*⁴.

³ As substâncias do grupo das anfetaminas incluem predominantemente a metanfetamina e a anfetamina, mas também incluem substâncias não especificadas desse grupo (por exemplo, comprimidos vendidos como Captagon, metcatinona, fenetilina, metilfenidato entre outros), excluindo as substâncias que pertençam ao grupo ecstasy.

⁴ As substâncias do grupo do ecstasy incluem predominantemente o MDMA, com o MDA e o MDEA/MDE. Porém, a limitada capacidade de controle por parte dos Estados-membros frequentemente causa uma confusão a respeito do atual conteúdo dos comprimidos tidos como sendo "ecstasy" (MDMA).

Tendências globais no tráfico de drogas

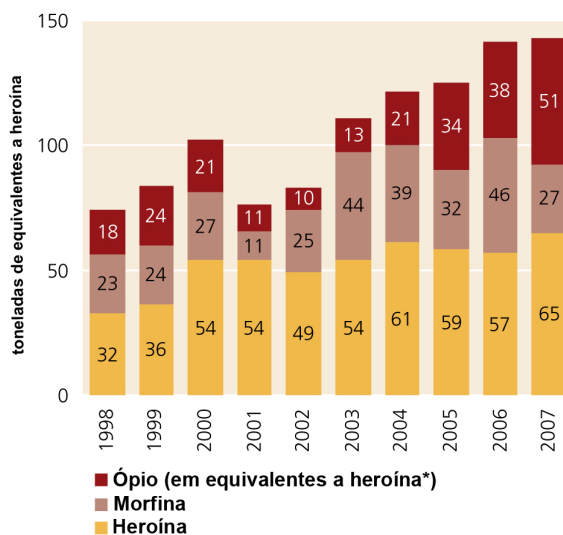
Opiáceos

Em 2007, as apreensões de ópio e de heroína cresceram 33% e 14%, respectivamente. Esse crescimento reflete os altos níveis sustentados de produção de ópio no Afeganistão, e também podem incluir alguns dos estoques acumulados de 2005, quando a produção global de ópio excedeu o consumo global. Já as apreensões de morfina diminuíram 41%. As apreensões de ópio em todo o mundo continuaram estáveis até 2007, ainda que em um nível elevado, tendo quase que dobrado desde 1998.

Apreensões globais de opiáceos, expressas em equivalentes de heroína*, por substância, 1998-2007

*com base em uma taxa de conversão de 10kg de ópio por 1kg de morfina ou 1kg de heroína.

Fonte: UNODC, Relatórios anuais de dados por questionário / DELTA



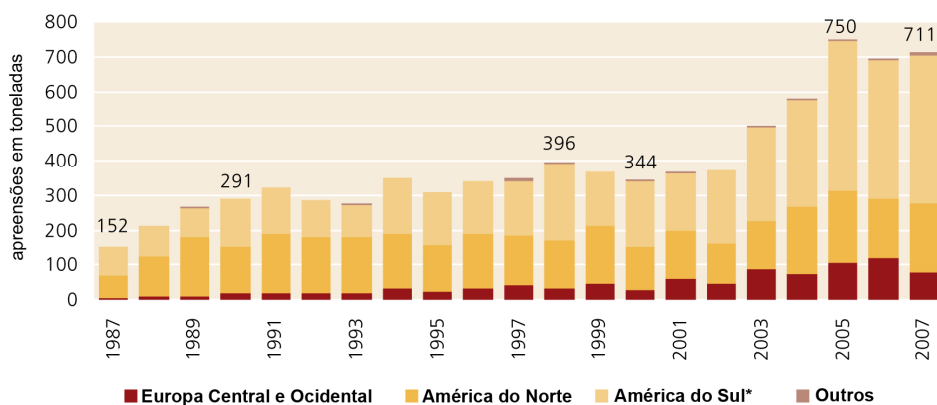
Cocaína

Após cinco anos em expansão, a quantidade de cocaína apreendida caiu em 2006 e permaneceu a um nível menor 2007 (5% a menos no período de 2005-07), acompanhando a diminuição da produção. Em 2008, observou-se uma diminuição significativa no tráfico em direção à América do Norte, maior mercado consumidor do mundo. Isto se refletiu no rápido aumento nos preços e na queda dos índices de pureza. Além disso, o Reino Unido também relatou diminuição dos índices de pureza em 2008.

Apreensões globais de cocaína, 1987-2007

*incluindo Caribe e América Central

Fonte: UNODC, Relatórios anuais de dados por questionário / DELTA

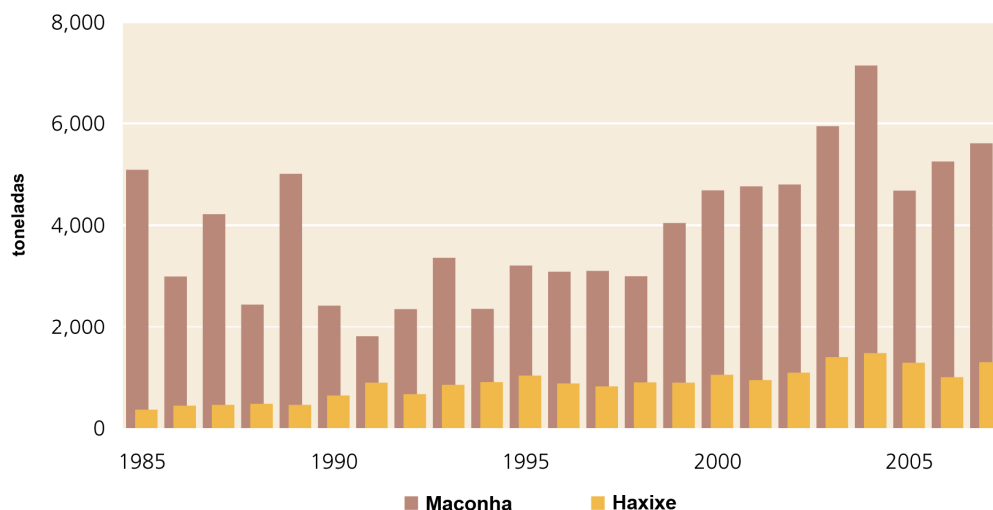


Maconha

A apreensão de maconha somou 5.557 toneladas em 2007, um aumento de cerca de 7% em relação ao ano anterior. As apreensões de haxixe aumentaram 29% para 1.300 toneladas. Além disso, pequenas quantidades de extrato de maconha foram apreendidas (o equivalente a 418 kg) em 2007. Assim como em 2006, a maior parte das apreensões de maconha em 2007 aconteceu no México (39% do total mundial) e nos EUA (26%). O aumento das apreensões de haxixe deu-se em grande medida graças a um forte aumento na Europa Ocidental e Central, onde as apreensões cresceram 34% comparadas com 2006.

Apreensões de maconha e haxixe (t), 1985-2007

Fonte: UNODC, Relatórios anuais de dados por questionário / DELTA

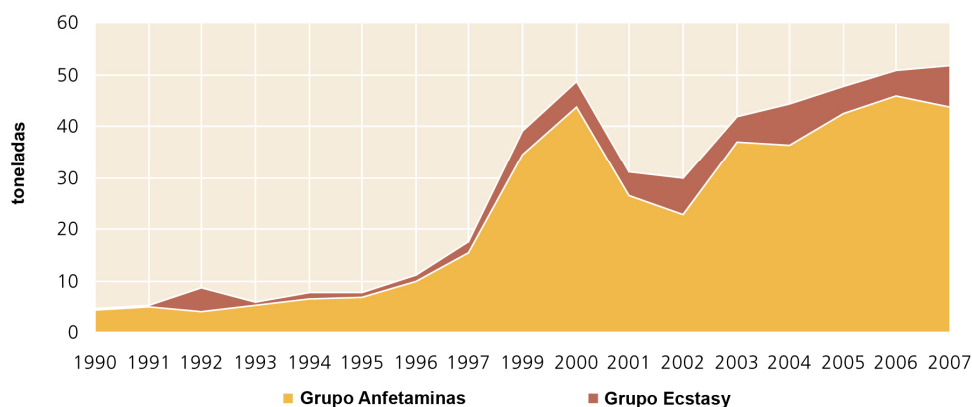


ATS

As apreensões globais de ATS continuaram a crescer, totalizando aproximadamente 52 toneladas em 2007, ultrapassando seu pico, observado em 2000, em mais de 3 toneladas⁵. O grupo das anfetaminas dominou as apreensões de ATS, sendo responsável por 84% de todas as apreensões em volume, sendo que as metanfetaminas contribuíram com a maior parte. No ano de 2007 também se observou um salto considerável no número de apreensões do grupo ecstasy (16% de todas as ATS apreendidas); com aumentos significativos observados em vários dos grandes mercados. O tráfico de ATS é mais comumente intrarregional, cruzando, dessa forma, poucas fronteiras internacionais, mas os precursores químicos das ATS continuam a ser traficados ao redor do mundo. Eles são constantemente desviados das indústrias lícitas do Sul, do Leste e do Sudoeste Asiático.

Apreensões globais de estimulantes do tipo anfetamina (ATS), 1990-2007

Fonte: UNODC, Relatório anual de dados por questionário / DELTA; UNODC Rede de Informação sobre Drogas para Ásia e Pacífico (DAINAP); relatórios governamentais; Organização Mundial das Alfândegas (OMA); Relatório de Drogas e Alfândegas 2007 (Bruxelas, 2008) e anos anteriores



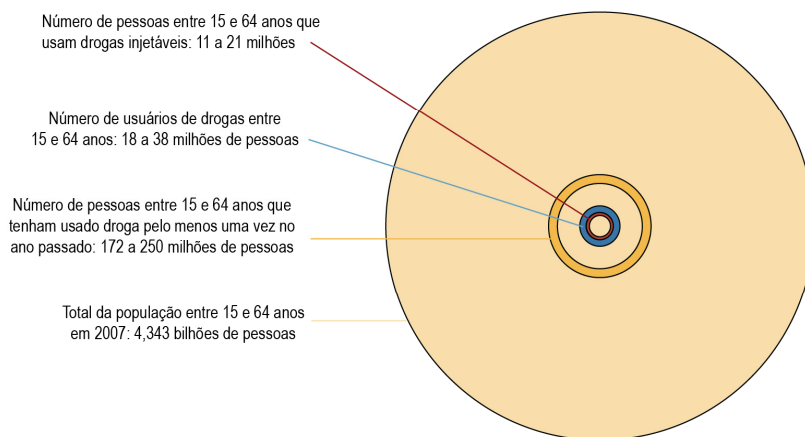
⁵ A fim de padronizar as medidas em quilogramas, litros e doses/unidades/pílulas/comprimidos foram transformados em equivalentes a kg: foi estimado que uma dose de “ecstasy” contenha em média 100mg de ingrediente psicoativo (MDMA); e que uma dose de anfetamina/metanfetamina contenha 30 mg de ingrediente psicoativo; um litro foi tido como igual a um quilograma.

Tendências globais de consumo de drogas

O UNODC estima que entre 170 e 250 milhões de pessoas usaram drogas ilícitas pelo menos uma vez no ano de 2007.⁶ Porém esse grande número inclui vários consumidores casuais que podem ter experimentado a droga apenas uma vez durante todo o ano. Portanto, é importante ter estimativas sobre o número de pessoas que são usuários pesados ou “problemáticos”. Esse grupo consome a maior parte da droga usada a cada ano; seus integrantes estão bastante propensos a se tornar dependentes da droga e necessitar de tratamento, e muitos dos impactos sobre a saúde e a ordem pública tendem a ser afetados pelo nível de consumo desse grupo. Estimativas realizadas pelo UNODC sugerem a existência de algo entre 18 e 38 milhões de usuários problemáticos entre 15 e 64 anos em 2007.

Drogas diferentes causam problemas diferentes em regiões diferentes. Por exemplo, na África e na Oceania, mais pessoas iniciaram tratamento por problemas relacionados à maconha do que qualquer outra droga (63% na África; 47% na Austrália e Nova Zelândia). Já os opiáceos foram a principal droga tratada na Ásia e na Europa (65% e 60% respectivamente). A cocaína foi mais proeminente na América do Norte (34%) e na América do Sul (52%) que em outras regiões; e as ATS foram mais proeminentes na Ásia (18%), na América do Norte (18%) e na Oceania (20%). A maconha tem desempenhado um papel crescente no tratamento de drogas na Europa, na América do Sul e na Oceania desde o fim dos anos 90; e o uso de ATS atualmente abrange uma parte maior dos tratamentos contra as drogas na América do Norte e na América do Sul do que no passado. Vários Estados-Membros estão trabalhando a fim de expandir suas respostas ao uso dependente de drogas entre seus cidadãos; o UNODC e a OMS iniciaram recentemente um trabalho programático conjunto a fim de aumentar a qualidade e a capacidade do tratamento contra as drogas ao redor do mundo.

Estimativas do consumo de drogas ilícitas em nível global



Opiáceos

Estima-se que o número de pessoas que usaram opiáceos ao menos uma vez em 2007 varie entre 15 e 20 milhões de pessoas em termos globais.⁷ Estima-se que mais da metade da população consumidora de opiáceos no mundo viva na Ásia. Os níveis mais altos de uso (em

⁶ Para maiores detalhes sobre os métodos usados na elaboração dessas estimativas, favor observar as seções “Special Features” e “Methodology” no Relatório.

⁷ A carência de dados contundentes sobre os níveis do uso de drogas, particularmente em países grandes como a China, impede um entendimento apurado do tamanho da população de usuários de drogas. Quando estimativas diretas estão disponíveis apenas para uma comparativamente pequena proporção da população de uma região, a variação do número estimado de usuários de drogas na região é obviamente alta. Estimativas sub-regionais e regionais foram feitas apenas nas regiões em que foram publicadas estimativas diretas para pelo menos dois países, cobrindo ao menos 20% da população regional ou sub-regional entre 15 e 64 anos. Para países sem estimativas publicadas, foram utilizadas variações de estimativa de outros países da sub-região/região. Para maiores detalhes favor observar as seções “Methodology” e “Special Features” no Relatório.

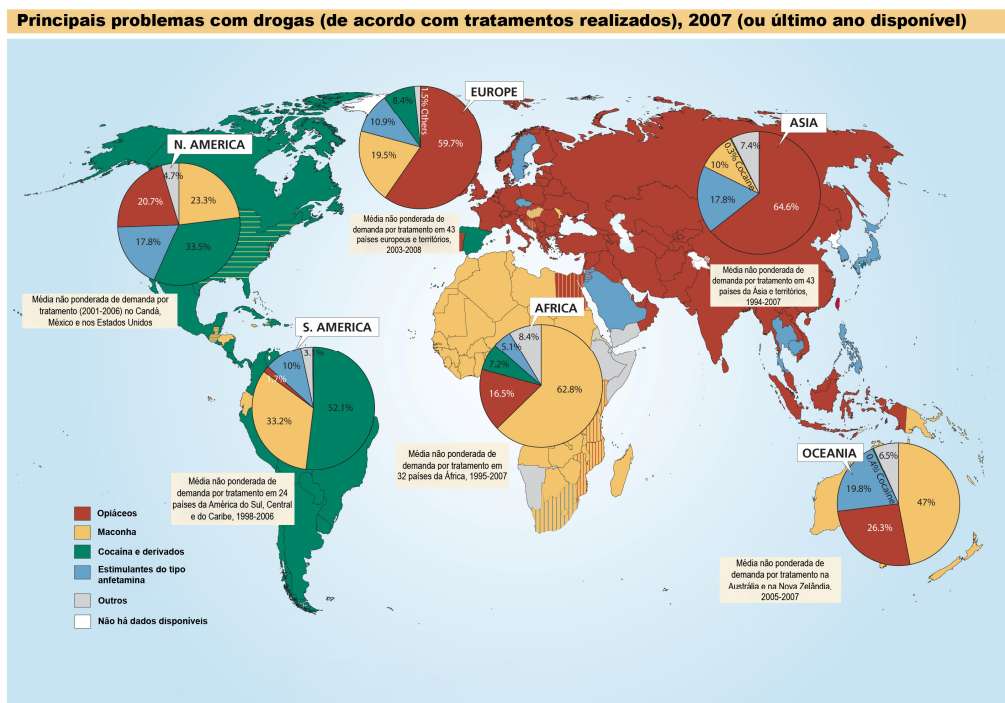
termos proporcionais da população entre 15-64 anos) são encontrados ao longo das principais rotas de tráfico, próximas ao Afeganistão. Os opiáceos continuam a ser o principal problema mundial de drogas em termos de tratamento. A Europa possui o maior mercado de opiáceos em termos econômicos, e enquanto o uso parece estar se estabilizando ou possivelmente caindo em vários países da Europa Ocidental, tem-se relatado aumentos no Leste Europeu.

Cocaína

Estima-se que o número total de pessoas que usaram cocaína ao menos uma vez em 2007 varie entre 16 e 21 milhões. O maior mercado continua sendo a América do Norte, seguido pela Europa Ocidental e do Leste e pela América do Sul. Reduções significativas no uso de cocaína foram registradas na América do Norte, notavelmente nos EUA, que em números absolutos continua a ser o principal mercado de cocaína do mundo. Fizeram uso de cocaína ao menos uma vez no ano aproximadamente 5,7 milhões de pessoas nos EUA em 2007. Após fortes aumentos nos últimos anos, várias pesquisas em países da Europa Ocidental demonstraram os primeiros sinais de uma estabilização, enquanto o uso de cocaína ainda aparenta estar aumentando na América do Sul. Alguns países africanos, de forma mais notável no Oeste e no Sul da África, parecem estar sofrendo um aumento nos níveis de uso de cocaína, mesmo que os dados sejam esparsos.

Maconha

Estima-se que o número global de pessoas que usaram maconha ao menos uma vez em 2007 varie entre 143 e 190 milhões de pessoas. Os níveis mais altos de uso continuam sendo os dos mercados estabelecidos da América do Norte e da Europa Ocidental, ainda que haja sinais em estudos recentes de que o uso esteja diminuindo em países desenvolvidos, particularmente entre os jovens.



ATS

O UNODC estima que entre 16 e 51 milhões de pessoas entre 15 e 64 anos usaram substâncias do grupo anfetaminas ao menos uma vez em 2007; a quantidade de pessoas que usaram drogas do grupo ecstasy ao menos uma vez está estimada entre 12 e 23 milhões ao redor do mundo. Essa variação nas estimativas é muito maior que as da cocaína ou da heroína, graças ao alto grau de incerteza referente a esse grupo de drogas, tanto em termos de

uso, quanto de produção. Usuários de substâncias do grupo anfetaminas no Leste e no Sudeste Asiático consomem principalmente metanfetaminas. Comprimidos vendidos como Captagon frequentemente contêm anfetamina e são usados no Oriente Médio e no Oriente Próximo. Na Europa, os usuários consomem principalmente anfetaminas, ao passo que cerca da metade dos usuários de estimulantes na América do Norte usam metanfetamina.

Número estimado de usuários de drogas ilegais no ano anterior na população entre 15-64 anos, por região e sub-região em 2007 (estimativas mais baixas e mais altas, em milhões de pessoas)

Região e sub-região	Maconha	Opiáceos	Cocaína
África	28,85 a 56,39	1,00 a 2,78	1,15 a 3,64
Norte da África	3,67 a 9,32	0,12 a 0,49	0,03 a 0,05
África Central e Ocidental	16,10 a 27,80	0,55 a 0,65	0,75 a 1,32
África Oriental	4,49 a 9,03	0,10 a 1,33	sem estimativa
Sul da África	4,57 a 10,95	0,23 a 0,31	0,30 a 0,82
Américas	41,45 a 42,08	2,19 a 2,32	9,41 a 9,57
América do Norte	31,26 a 31,26	1,31 a 1,36	6,87 a 6,87
América Central	0,58 a 0,58	0,02 a 0,03	0,12 a 0,14
Caribe	1,11 a 1,73	0,06 a 0,09	0,17 a 0,25
América do Sul	8,50 a 8,51	0,80 a 0,84	2,25 a 2,31
Ásia	40,93 a 59,57	8,44 a 11,89	0,40 a 2,56
Leste e Sudeste asiático	4,1 a 19,86	2,80 a 4,97	0,31 a 0,99
Sul da Ásia	27,49 a 27,49	3,62 a 3,66	sem estimativa
Ásia Central	1,89 a 2,02	0,34 a 0,34	sem estimativa
Oriente Próximo e Médio	7,44 a 10,2	1,68 a 2,91	sem estimativa
Europa	28,89 a 29,66	3,44 a 4,05	4,33 a 4,60
Europa Central e Ocidental	20,81 a 20,94	1,23 a 1,52	3,87 a 3,88
Europa do Leste e Sudeste	8,08 a 8,72	2,21 a 2,53	0,46 a 0,72
Oceania	2,46 a 2,57	0,90 a 0,90	0,34 a 0,39
Estimativa global	142,58 a 190,27	15,16 a 21,13	15,63 a 20,76

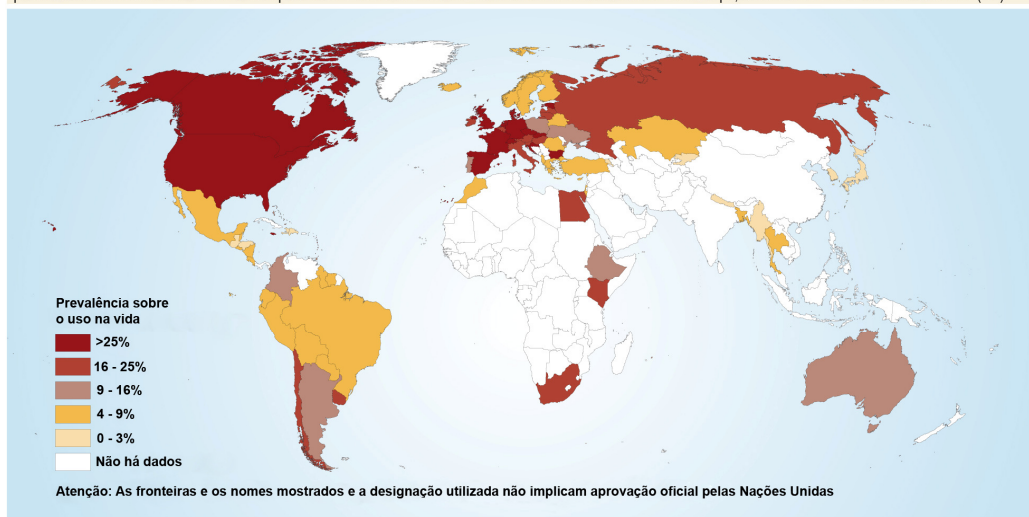
Região e sub-região	Anfetaminas	Ecstasy
África	1,39 a 4,09	0,34 a 1,87
Norte da África	0,24 a 0,51	sem estimativa
África Central e Ocidental	sem estimativa	sem estimativa
África Oriental	sem estimativa	sem estimativa
Sul da África	0,21 a 0,65	0,21 a 0,40
Américas	5,65 a 5,78	3,13 a 3,22
América do Norte	3,76 a 3,76	2,56 a 2,56
América Central	0,31 a 0,31	0,20 a 0,30
Caribe	0,12 a 0,25	0,03 a 0,13
América do Sul	1,45 a 1,46	0,51 a 0,51
Ásia	5,78 a 37,04	3,55 a 13,58
Leste e Sudeste asiático	4,60 a 20,56	2,25 a 5,95
Sul da Ásia	sem estimativa	sem estimativa
Ásia Central	sem estimativa	sem estimativa
Oriente Próximo e Médio	sem estimativa	sem estimativa
Europa	2,43 a 3,07	3,75 a 3,96
Europa Central e Ocidental	1,59 a 1,69	2,11 a 2,12
Europa do Leste e Sudeste	0,84 a 1,38	1,54 a 1,83
Oceania	0,57 a 0,59	0,81 a 0,88
Estimativa global	15,820 a 50,57	11,58 a 23,51

Uso de drogas entre jovens

Analisar o uso de drogas entre jovens é muito importante por várias razões. Primeiramente, a maioria das pessoas começa a usar drogas durante sua juventude e é entre os jovens que as atividades de prevenção às drogas têm maior incidência. Além disso, as tendências no uso de drogas entre jovens podem indicar variações nos mercados, já que os jovens tendem a reagir mais que os mais velhos a mudanças de nas condições de disponibilidade das drogas ou na percepção social sobre o uso de drogas. Em terceiro lugar, o início precoce do uso de drogas está ligado a efeitos sociais e de saúde negativos no futuro. Este ano, uma análise de estudos sobre o uso de drogas entre jovens ao redor do mundo foi realizada e estão presentes neste relatório⁸.

Prevalência (%) sobre o uso na vida de maconha entre jovens*

Este mapa contém dados de pesquisas escolares com jovens. As faixas etárias (ou anos escolares) usadas para as estimativas podem variar um pouco de país para país, portanto os dados não são diretamente comparáveis. Para detalhes em cada uma das estimativas incluídas neste mapa, favor consultar o anexo de estatísticas (3.6)



Uso de drogas injetáveis

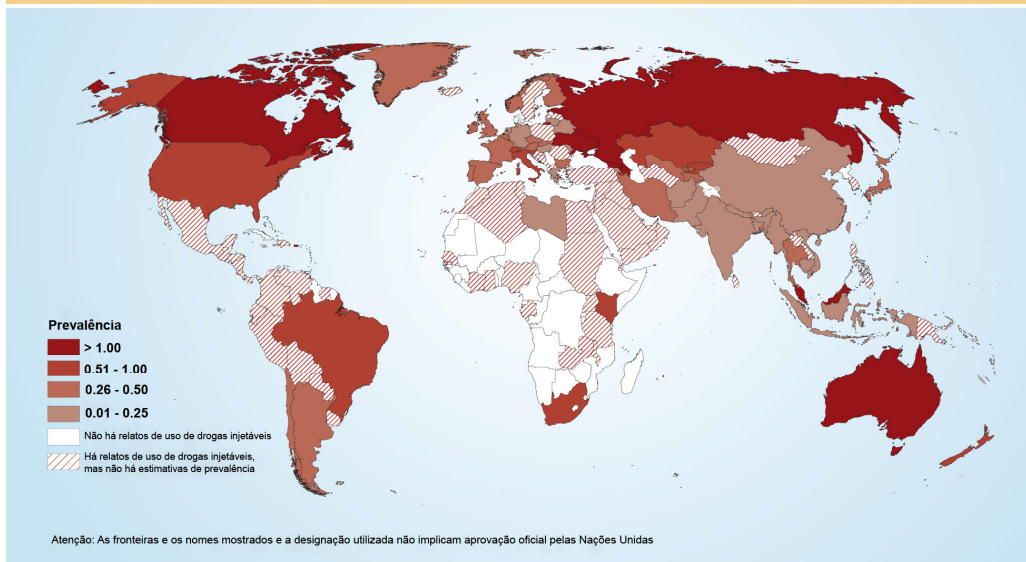
As drogas injetáveis foram documentadas em 148 países do mundo, que compreendem 95% da população mundial⁹, mas a prevalência desse comportamento varia consideravelmente. Estima-se que entre 11 e 21 milhões de pessoas ao redor do mundo usam drogas injetáveis. As maiores populações de usuários de drogas injetáveis (IDUs) estão na China, nos EUA, na Rússia e no Brasil, que somam 45% do total da população de IDUs estimada no mundo.

A injeção de droga é responsável pelo aumento da proporção das infecções por HIV em várias partes do mundo, incluindo países do Leste Europeu, da América do Sul e do Leste e do Sudeste Asiático. Infecções por HIV entre usuários de drogas injetáveis já foram registradas em 120 países, com números variando intensamente dentro e entre os países. Estima-se que entre 0,8 e 6,6 milhões de usuários de drogas injetáveis no mundo inteiro estejam infectados pelo HIV. As regiões com maior número e maior concentração de IDUs portadores de HIV incluem o Leste Europeu, o Leste e o Sudeste da Ásia e a América Latina. No Leste Europeu e na Ásia Central, os IDUs somam uma proporção considerável do total de pessoas portadoras de HIV.

⁸ Favor observar a seção “Special Features” no Relatório para maiores detalhes sobre essa análise.

⁹ Esta informação foi compilada, analisada e publicada pelo *Grupo de Referência para as Nações Unidas sobre HIV e o uso de drogas injetáveis*, e publicada no *The Lancet* em setembro de 2008. Mais informações estão disponíveis no site: www.idurefgroup.com.

Prevalência (%) sobre o uso na vida de drogas injetáveis entre pessoas de 15 a 64 anos



Crime relacionado às drogas

As drogas e o crime estão indissociavelmente ligados, mas essa relação nem sempre é direta. Indivíduos podem cometer crimes sob o efeito de drogas; e também podem cometer crimes para financiar o uso das drogas. Além disso, a maioria dos países proíbe o cultivo, a produção, a posse, o uso, a troca, a venda, a distribuição, a importação e exportação de drogas. Dados sobre delitos “diretos” estão mais imediatamente disponíveis, e eles podem ser agrupados em delitos relacionados ao “consumo pessoal”, e delitos mais sérios relacionados ao tráfico. Estes dados são importantes, pois refletem tanto a extensão da atividade ilícita, quanto à extensão do enfrentamento à droga.¹⁰

Enfrentamento às consequências indesejadas: enfrentamento às drogas e o mercado negro do crime

O sistema internacional de enfrentamento às drogas já produziu diversas consequências indesejadas, a principal delas a criação de um mercado negro lucrativo para as drogas e a para a violência e a corrupção delas originárias. Em alguns casos, a violência se tornou tão extrema que houve pedidos para que o sistema fosse abandonado. Porém, por meio da manutenção de substâncias controladas como ilegais e escassas, o sistema protege milhões de pessoas dos efeitos adversos do vício e do uso abusivo das drogas, particularmente nos países em desenvolvimento. Portanto, é papel da comunidade internacional tanto o enfrentamento às drogas, quanto a redução da violência e da corrupção associadas ao mercado negro.

O enfrentamento às drogas tem sido, há muito tempo, tratado como uma questão de segurança pública, e sua abordagem têm tradicionalmente sido simples: prender criminosos e apreender suas drogas. O marco da Convenção de 1988 ampliou as ferramentas disponíveis para atacar o mercado de narcóticos, estabelecendo mecanismos para lidar com o controle de precursores, confisco de ativos, lavagem de dinheiro e extradição. Além de fazer um melhor uso desses mecanismos, muito mais poderia ser feito para tornar o enfrentamento às drogas mais eficaz e eficiente, enquanto se reduz a corrupção e a violência.

O propósito da prisão e do cárcere é dissuadir, incapacitar e reabilitar os criminosos. Para alguns tipos de criminosos, nenhum desses objetivos é bem alcançado, e, quando aplicados indiscriminadamente, desperdiçam recursos escassos. Em particular, é raramente eficaz o aprisionamento de usuários de drogas. Usuários casuais podem ser dissuadidos por sanções bem menos severas; viciados devem ser ajudados a acabar com seus hábitos, por meio de

¹⁰ Favor verificar a seção “Special Features” para maiores detalhes sobre esse tema.

tratamento ou de liberação de contingente prisional. Há inclusive intervenções de apoio voltadas para a soltura de contingentes inteiros de traficantes de rua, sem a necessidade de prisão em massa. O encarceramento deve estar voltado para criminosos violentos, favorecendo de forma efetiva as ações pacíficas.

Isso não significa dizer que o uso de drogas deve ser ignorado. Grande volume do fornecimento de drogas é consumido por uma pequena parcela dos usuários: os viciados ou usuários que apresentam problemas com drogas. Tratando essa fatia de mercado das drogas com intervenções intensivas reduziriam o lucro drasticamente, reduzindo o incentivo aos traficantes. Felizmente, aparentemente grande parte dos viciados no mundo está localizada em países que dispõem de recursos e que têm a capacidade de fazer algo contra o problema.

Também é essencial uma limpeza em áreas negligenciadas nas quais se encontram os responsáveis pelo mercado de drogas. Enquanto muitos indivíduos nessas áreas têm pouco a perder e, portanto, são difíceis de serem dissuadidos, sempre há atores chave com interesses financeiros naquela área. Responsabilizando aqueles que realmente estão no comando, será possível trazer essas zonas desprotegidas à normalidade, seja na esfera de uma vizinhança ou até mesmo no plano nacional. Isto causaria o fechamento de mercados de drogas que estão atuando livremente e limitaria sua ampliação. Também tiraria o mercado das drogas das mãos de gangues de rua, um dos grupos mais envolvidos em violências relacionadas às drogas.

Além de fazer a aplicação da lei mais eficaz, outras agências precisam estar envolvidas em atacar os problemas das drogas de forma estratégica. Tais estratégias precisam estar voltadas para cada um dos fluxos de drogas e no impacto que eles têm sobre locais específicos. Deve-se focar na redução dos mercados, não apenas atacando indivíduos ou grupos específicos. Essas intervenções precisam ser coordenadas internacionalmente, a fim de evitar apenas o deslocamento dos mercados. Porém, o próprio deslocamento pode ser usado de forma estratégica para guiar os mercados para um caminho que produza menos crime e menos corrupção.